

O texto no muro

The text on the wall

El texto en la pared de la calle

SILVANA DIAS CARDOSO PEREIRA¹

DAVID DA SILVA PEREIRA²

MARCELO VICENTIN³

RESUMO: Trata-se de um olhar para o escrito e seus suportes, direcionado pela teoria da História Cultural, com expoentes como Roger Chartier e sua investigação sobre a história do livro e da leitura. O livro no muro é dado a ler em um suporte diferente do que se está acostumado quando se pensa em um livro. No entanto, essa prática tem se multiplicado em experiências em grandes cidades como Brasília, minuciosamente abordada neste texto e em outras como Maceió, em projeto para colorir os muros dos bairros.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; livro; muro.

ABSTRACT: It is a look at writing and its supports, guided by the theory of New History, with exponents such as Roger Chartier and his investigation focused on the history of the book and reading. The book on the wall is given to be read on a different support than what one is used to when thinking of a book. However, this practice has been multiplied in experiences in large cities such as Brasília, thoroughly discussed in this text, but also in others such as Maceió in a project to color neighborhoods walls.

KEYWORDS: Reading; book; wall.

1. Secretaria Municipal de Educação (SME) de Cornélio Procopio/PR.
2. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procopio (UTFPR-CP).
3. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (Seduc-SP).

RESUMEN: Es una mirada a la escritura y sus soportes, y guiada por la teoría de la Nueva Historia, con exponentes como Roger Chartier y su investigación sobre la historia del libro y la lectura. El libro en la pared se da para leer en un soporte diferente al que uno está acostumbrado cuando piensa en un libro. Sin embargo, esta práctica se ha multiplicado en experiencias en grandes ciudades como Brasilia, ampliamente abordadas en este texto y otras como Maceió, en un proyecto de coloración de paredes barriales.

PALABRAS CLAVE: Lectura; libro; muro.

INTRODUÇÃO

Este texto busca suscitar uma discussão sobre suportes de leitura e apresentar a prática de produções textuais que têm muros como suporte, considerando suporte o “lugar” em que o texto se dá a ler ou ouvir, associando as formas e suportes da escrita. Os dois textos trazidos para a discussão proposta têm como sobre dois textos, suporte em que se dá a ler o muro (ou a pedra?), que fala a partir de sua materialidade ao leitor que se apropria dessa leitura de variadas formas. O primeiro texto está escrito em um muro localizado na cidade de Brasília e o segundo em um muro na cidade de Maceió. No primeiro tem-se um livro que conta a história de um menino invisível e, no segundo, uma história em quadrinhos sobre o personagem Jaraguá.

Com esses dois exemplos de textos escritos em muros, pretende-se provocar uma importante discussão sobre a leitura a partir de observações da História Cultural: o leitor, o texto e o seu suporte e, mais especificamente, a leitura como prática criadora de sentidos singulares que não se podem reduzir meramente às intenções de autores ou editores, que, neste caso, desempenham papéis um tanto diferentes pelo modo como um texto é “publicado”. De tal modo, José D’Assunção Barros (2012, p. 46), observa que:

A leitura, enfim, é prática criadora – tão importante quanto o gesto da escritura do livro. Pode-se dizer, ainda, que cada leitor recria o texto original de uma nova maneira – isto de acordo com os seus âmbitos de ‘competência textual’ e com as suas especificidades (inclusive a sua capacidade de comparar o texto com outros que leu e que podem não ter sido previstos ou sequer conhecidos pelo autor do texto original que está se prestando à leitura). Desta forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção.

Por conseguinte, o livro produzido no muro é uma prática cultural cujas leituras também são práticas culturais infinitas, uma vez que cada leitor é singular ao recriar o texto original de sua maneira, em consonância com suas experiências anteriores de leitura.

Para promover as discussões sobre a prática da leitura e seus suportes, e complementar a apresentação dos textos produzidos em muros, iniciamos, com algumas considerações sobre a prática da leitura sob o viés do escopo teórico da Nova História Cultural a partir da visão de Roger Chartier, reiteradas no desenvolvimento do texto, para posteriormente aos muros, tecermos nossas considerações.

O LIVRO NO MURO

Pensar os textos no muro é também se propor a pensar a leitura em vários aspectos discutidos por Roger Chartier no escopo teórico da Nova História Cultural em que a leitura e as práticas em torno dela são o objeto de atenção. Nessa abordagem, os textos são pensados em relação com o seu suporte e seu leitor, numa proposta em que a leitura é entendida como a tensão entre o leitor, o texto e seu suporte: “Em primeiro lugar porque, para mim, tratar-se-á de sempre vincular o estudo dos textos, quaisquer que sejam, com o das formas que lhes conferem a própria existência e com aquele das apropriações que lhes proporcionam o sentido (...)” (Chartier, 2010, p. 14).

Em outras palavras, significa que estudar o texto escrito no muro é também pensar no muro que lhe possibilitou a existência, no seu leitor e as apropriações que faz desse texto, bem como, quais sentidos podem ser dados a essa leitura uma vez que, dentro da perspectiva da História Cultural, as formas produzem sentido, e a leitura e compreensão de um texto será outra conforme os meios materiais a que se dá a ler. Para responder a essa e outras questões é necessário pensar no texto em outras perspectivas, conforme enfatiza Chartier (1991, p. 178):

Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade se investe de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura.

Dessa maneira, ainda dentro da ideia de leitura proposta, entendida como uma prática cultural, um mesmo texto adquire sentidos diversos dependendo dos

suportes em que são dados a ler: um texto “(...) muda pelo fato de que não muda enquanto o mundo muda” (Bourdieu; Chartier, 1996, p. 250). Para cada suporte ou leitor diversos, a leitura terá outros significados. Pensada sob esse ângulo, a forma pelas quais os textos chegam até os leitores leva aos estudos propostos pela história das apropriações que “(...) visa[m] uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (Chartier, 1991, p. 180).

AS FORMAS DE O MENINO INVISÍVEL

Para essa importante questão da forma, o texto, seu suporte e sua compreensão por parte do leitor, um esclarecimento: “deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor” (Chartier, 1998, p. 17).

Também nos perguntar sobre o que é um livro? Em que lugares ele pode estar? Se o livro no muro é um livro? Um livro é um livro em qualquer lugar em que possa ser lido, ou seja, uma concepção de leitura que coloca em tensão o leitor, o texto e o suporte em que esse texto é dado a ler, seja no meio digital, no papel, na pedra, no muro, no poste... Assim, um “livro no muro” é, além de tudo, uma prática de democratizar a leitura e de também produzir outras formas de ler. Pode-se ler rapidamente ao passar por aquele endereço, pode-se ainda apenas ficar interessado pelo título e procurá-lo na internet ou livraria (uma vez que editado e impresso).

De tal modo, o texto no muro é uma proposta de apresentação que “(...) autoriza recepções inéditas, logo cria novos públicos e novos usos. [...] Tudo acontece como se as diferenciações entre os modos de ler fossem multiplicadas e afinadas à medida que o escrito impresso fosse se tornando menos raro, menos confiscado, mais corriqueiro” (Chartier, 1991, p. 186-187).

Nessa perspectiva, o suporte em que o texto se dá a ler pode ser o muro, a parede, o asfalto, a calçada. Como exemplo dessa possibilidade, olharemos para o projeto Livro de Rua⁴ que “publicou” o livro *O menino invisível* (Barros, 2021) num muro que, de uma

4. O Livro de Rua – iniciativa do escritor Hugo Barros (Barros, 2023), de Brasília, e agora finalista da categoria Inovação do Ano no Prêmio Publish News 2023 – é um projeto que desenvolve livros ilustrados, com capa, ficha catalográfica e textos, em muros e calçadas da capital do país. As histórias são transferidas para o concreto pelas mãos de artistas do grafite e, mesmo com um formato inusitado, contam com

só vez, estimula a leitura e promove a arte urbana. De autoria de Hugo Barros e Siren, esse livro está impresso/disponível em um muro na cidade de Brasília – SQS 413 ASA SUL – o que é apontado como inédito por sua editora. Essa publicação em muro pode ser lida por todos que passam por ali. É um livro inteiro ilustrado e escrito, com início, meio e fim, disponível gratuitamente para qualquer leitor/transeunte interessado.

Esse livro faz parte da coleção Livro de Rua, um projeto que nasceu para levar a literatura a todos. Funciona assim: a primeira edição de cada história é impressa nas ruas, em tamanhos gigantes. Ela ganha vida pelas mãos de artistas de rua, os grafiteiros, e fica ali, para quem quiser ler. É o primeiro livro do mundo impresso no muro, a céu aberto, que agora ganha forma impressa pela Editora Peirópolis (Barros, 2021).

O menino invisível é um grande menino desenhado num muro, visível a todos que por ele passam e até onde as imagens dessa obra chegarem. Um texto que desafia seu leitor, uma vez que não oferece páginas ou divisões que podem ser usadas para pausar a leitura. É como se dissesse: “leia-me agora ou nunca mais!!!!” Um modo de leitura que pode ser feita de diversas e diferentes formas apenas movimentando-se ao longo do muro, acompanhando o início do texto até seu final, uma vez que é uma única “página” sempre aberta.



Figura 1: *O menino invisível* - Muro de Brasília – Fonte: Mariana Lima (2020)⁵

produção gráfica, revisão, escolha do grafiteiro, entre outros processos editoriais de criação de um livro (SGRIGNELLI, 2023). Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/03/23/livro-de-rua-projeto-imprime-livros-ilustrados-em-muros-de-brasilia>. Acesso em: 16 mar. 2024.

5. Ver: LIMA, Mariana. Projeto leva livros infantis para muros das ruas de Brasília. Observatório do Terceiro Setor. 16 jul. 2020. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/projeto-leva-livros-infantis-para-muros-de-ruas-em-brasilia/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Além disso, o mesmo texto de *O menino invisível* (Barros, 2021) foi publicado em forma de livro de papel pela editora Peirópolis em 2021, em língua portuguesa, formato retangular, com as dimensões 21 x 19.4 x 0.6 cm e como EPUB⁶, 48 páginas, 150g de peso e conta a história de Mino, um garotinho que tem o poder de ficar invisível, o que pode ser muito divertido. E o que Mino pensa desse poder que tem? Será que ele gosta mesmo de ter esse poder?

Na página da Editora do livro em versão impressa, também há fotos da preparação do muro para receber o livro (Barros, 2021) e uma entrevista com o autor à TV Justiça (Leite 2018) onde o mesmo fala sobre essa experiência. Para ele, essa forma de apresentação do livro é um tesouro pelo fato de popularizar e democratizar a leitura. O autor também esclarece na entrevista que Mino não gostava de ser invisível porque a criança precisa ser vista, notada para que receba os cuidados dos quais necessita. O autor ainda revela que a paternidade o fez perceber a falta de criatividade e opções para o mundo infantil, tanto em relação a roupas como também a livros. Essa constatação o motivou para a escrita do livro *O menino invisível*.

O FOLGUEDO JARAGUÁ: HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO MURO

O segundo muro, trata-se de parte do projeto Arte na Rua, desenvolvido pelo grupo Alagoas Presente, que há 17 anos colore os muros do bairro Jaraguá, em Maceió. Em 2013, o tema das intervenções foi “Cultura Popular”, o que trouxe para o grupo a participação do quadrinista Emerson Magalhães e sua história em quadrinhos de 60 metros sobre o personagem Jaraguá, folguedo que já foi grandioso em Maceió. Magalhães explica que escolheu “ilustrar um tema que quase não tem sido lembrado pela população, o personagem Jaraguá” (Gomes, 2013). Na mesma reportagem, o quadrinista, também afirma que esse folguedo, que já foi muito conhecido em Maceió, é **desconhecido por muitos**, sendo conhecido apenas o bairro de mesmo nome. Por essa razão, pensou que o bairro Jaraguá seria um bom lugar para deixá-lo registrado.

6. EPUB é um padrão aberto para *e-book* do *International Digital Publishing Forum* (IDPF) e significa publicação eletrônica. O formato é um sucessor do antigo padrão *Open e-Book* (OED) e ganhou popularidade como um formato de *e-book* baseado em xml independente de fornecedor.



Figura 2: O folgado Jaraguá - Muro de Maceió – Fonte: Rivângela Gomes (2013)⁷

Os quadrinhos são antecidos por uma pequena introdução sobre o Jaraguá: “O Jaraguá é um elemento fantástico que existe no folclore do Brasil, mas sem tanta fama como o Saci e outros” (Figura 2). Essa é a razão para que o quadrinista registre o folgado em quadrinhos num muro no bairro de mesmo nome: torná-lo conhecido de uns e lembrá-lo para outros. Nessa intervenção, o quadrinista opta por uma “edição” em preto e branco do folgado, contrastando com outros muros que foram pintados com cores variadas. Essas escolhas feitas pelos autores e editores são estratégias usadas visando uma certa leitura, uma compreensão do texto.

Todo o trabalho de tratamento do muro para a construção da obra e sua extensão, colocam em práticas as mesmas discussões suscitadas pelo *O menino invisível*, sua visibilidade e as possibilidades de alcance da obra com a divulgação alcançada; e, da mesma maneira, no desafio ao leitor de como pretende ler a obra. De acordo com a coordenadora do grupo Alagoas Presente, Marta Arruda, os diferentes trabalhos produzidos pelo grupo nos muros de Maceió, e entre eles a história em quadrinhos do Jaraguá são reconhecidos e aplaudidos pela população (Gomes, 2013).

O menino invisível é um grande menino desenhado num muro, visível a todos que por ele passam e até onde as imagens dessa obra chegarem. Um texto que desafia seu leitor, uma vez que não oferece páginas ou divisões que podem ser usadas para pausar a leitura. É como se dissesse: “leia-me agora ou nunca mais!!!!” Um modo de leitura que pode ser feita de diversas e diferentes formas apenas movimentando-se

ao longo do muro, acompanhando o início do texto até seu final, uma vez que é uma única “página” sempre aberta.

Esta página sempre aberta provoca tensões fortemente consideráveis, pois, ao se pesquisar práticas de leitura, para se reconhecer, por meio das pistas disponibilizadas, as estratégias explícitas utilizadas por autores e editores para forçar uma certa leitura que acreditam ser a verdadeira, utilizando-se de estratégias explícitas prefácios, advertências, glosas e notas, entre outras implícitas, ao transformarem o próprio texto numa maquinaria a impor a compreensão desejada. Seja pela primeira estratégia, em que o leitor é orientado, seja pela segunda, em que o leitor é colocado numa armadilha, esse está sempre inscrito no texto que, por sua vez, inscreve-se de forma diferente em seus leitores.

Dessa maneira, as duas perspectivas precisam ser estudadas em conjunto: as estratégias dos autores e fazedores de livros para os textos e seus suportes bem como as leituras que são efetivamente feitas, captadas por meio das confissões individuais ou reconstruídas nas comunidades de leitores. Para Chartier (1990, p. 127), as estratégias editoriais e textuais compõem um conjunto de dispositivos acionado e incluído pelo editor e autor, em prefácios, orelhas, índices, capas das obras etc., visando um controle da leitura, propondo e orientando significados aos leitores. São mecanismos para que os leitores compartilhem de um repertório comum de referências culturais tornando a obra mais familiar e próxima de suas expectativas, valores, práticas de leitura. Dispositivos textuais que decorrem das estratégias de escrita e das intenções dos autores, e dos dispositivos editoriais que resultam da passagem do texto à sua impressão: do livro a muro. Sobre isso, Chartier esclarece que “as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam deles” (Chartier, 1996, p. 78), o que reforça a ideia de leitura como “uma prática criadora, inventiva, produtora” (Chartier, 1996, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar as proposições apresentadas neste texto tomamos como foco a leitura e sua função social, utilizando como referencial teórico a Nova História Cultural por meio de textos de Roger Chartier, que pensa o texto em seus mais variados suportes e a leitura como sendo a tensão que se dá entre o texto, seu suporte e o leitor. Essa conceituação de leitura torna o suporte em que o texto é dado a ler essencial para sua compreensão. Dado que o leitor e o texto, neste caso, são os mesmos, a leitura será

variável se houver mudanças quanto ao suporte. Foi com essa ampliação das possibilidades de suporte que se olhou para o texto no muro e buscou-se problematizar essa forma de apresentação do texto dentro de uma lógica peculiar. Chartier ensina que o sentido de qualquer texto depende da forma como ele é dado a ler:

Perito por excelência das técnicas eruditas da ‘nova bibliografia’, ensinou-nos a superar-lhe os limites, mostrando-nos que o sentido de qualquer texto, seja ele conforme aos cânones ou sem qualidades, depende das formas que o oferecem à leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito. Assim, por exemplo, no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções tipográficas e a pontuação (Chartier, 2010, p. 7-8).

Consequentemente, tomamos o texto no muro com uma atenção especial, uma vez de tratar-se de prática iniciada por grafiteiros e vista ainda, por muitos, como marginal. No entanto, essa prática toma novas formas e passa a ser valorizada como arte e responsável pela circulação de variados gêneros textuais que encerram em um único espaço autoria, edição e publicação. Além destas possibilidades textuais, os grandes muros e paredes são suportes para a arte e a propaganda, podendo ser vistos de longas distâncias e incorporados à paisagem das cidades, produzindo leituras e leitores inumeráveis.

Compreender os muros desse modo, permite que a expressão do livro no muro seja um outro modo de ler, com suas singularidades, que desempenha também um papel de incentivo à leitura, provocando uma reflexão sobre consigo, com os outros e com o mundo. Torna-se uma possibilidade para entender práticas de outro tipo de produção escrita que provoca no leitor instrumentos para pensar e viver melhor.

Essa experiência faz pensar mais detidamente sobre o suporte material dos textos e as variadas formas de ler, elementos decisivos para a construção de sentido e interpretação da leitura em qualquer tempo. Ao mesmo tempo, o texto no muro remonta aos tempos em que a pedra (imóvel) era o suporte do texto, fato anterior ao processo pelo qual passou a escrita e a impressão dos livros nos diversos formatos hoje disponíveis, sendo que nesse caso não se pode pegar o muro e levar para casa para ler deitado sobre o sofá, ou ainda, abri-lo sobre a mesa e folhear suas páginas uma a uma. Não: o livro está no muro. Estático, irremovível, indivisível, desafiando para que as práticas de leitura sejam, quem sabe, inovadas, repensadas e, da mesma forma, a sua circulação.

Mas, todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. Vemos, portanto, que, de um lado, há um processo de desmaterialização que cria uma categoria abstrata de valor e validade transcendentais, e que, de outro, há múltiplas experiências que são diretamente ligadas à situação do leitor e ao objeto no qual o texto é lido (Chartier, 2009, p. 70-71).

Isto significa dizer que o texto ocupa um espaço, um lugar de leitura acessível a todo leitor/transeunte que por ali passe, não necessitando ser retirado de uma estante em uma biblioteca, ser aberto em gestos de leitura próprios de quem tem um livro nas mãos. É uma leitura acessível por fazer parte de um itinerário, de entrar no caminho do leitor ao invés de esperá-lo protegido por uma capa e paredes de uma biblioteca e/ou livraria. Um texto que busca por seu leitor, expondo-se nas ruas e nos muros como algo comum, corriqueiro.

Assim sendo, para se pensar essas publicações é fundamental o que propõe Roger Chartier (2010) ao definir o livro na sua dupla natureza material e discursiva, o que possibilita uma pluralidade de intervenções implicadas na publicação dos textos, na autoridade do escrito e a mobilidade de seus significados. Pensar sobre o livro escrito no muro exige esse aporte teórico que permite aceitar e compreender suportes textuais inusitados. Esse autor pensa sobre os processos que são “o objeto mesmo de toda história, qualquer que seja, da cultura escrita” ao afirmar que “os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios. Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas” (Chartier, 2010, p. 16). Dessa forma, este trabalho, ao ter como objeto textos escritos em muros, entrelaça a história da própria escrita desde seus primórdios até os dias atuais: da parede da caverna à tela do computador.

Os textos no muro (livro e história em quadrinhos) são expoentes de uma prática social que vem se mostrando cada vez mais frequente e elaborada e que encerra nelas múltiplas práticas de leitura. Chartier (2010, p. 21) pensa sobre os processos que são “o objeto mesmo de toda história, qualquer que seja, da cultura escrita” por meio de autores espanhóis. Chartier destaca apenas o primeiro, que são as intervenções que ocorrem até um texto ser publicado, pois “os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios. Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre

o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas” (Chartier, 2010, p. 21).

O texto no muro veio para ficar, transformando a cidade numa grande livreria a céu aberto.

REFERÊNCIAS

- BARROS, H. **O menino invisível**. Ilustrações de Camilla Santos (Siren). São Paulo: Peirópolis, 2021.
- BARROS, J. A. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. **T.e.x.t.o.s de H.i.s.t.ó.r.i.a**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. Dossiê Antigo Regime, v. 11, n. 1-2, p. 145-172, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27855>. Acesso em: 22 mar 2022.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Av.**, S. Paulo, n. 11, v. 5, 1991, p. 173-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. S. Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-105.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1998.
- CHARTIER, R. O texto entre autor e editor. CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. 1. reed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 47-73.
- CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. **Estud. Av.**, S. Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XXcnm4BDqdhWWbB7bg7GnZC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- CHARTIER, R.; BOURDIEU, P. A leitura: uma prática cultural – debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 229-253.
- GOMES, R. Artistas transformam paredes do bairro do Jaraguá em telas de arte. **G1 AL**, Maceió, 29.out. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/10/artistas-transformam-paredoes-do-bairro-de-jaragua-em-telas-de-arte.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- LEITE, P. História contada em um mural de Brasília. Entrevista com o autor com a ilustradora. **Illuminuras**, TV Justiça, canal no Youtube, Brasília, 16 jul. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AbmkAzBVkBE&ab_channel=R%C3%A1dioeTVJusti%C3%A7a. Acesso em: 30 ago. 2023.
- LIMA, M. Projeto leva livros infantis para muros das ruas de Brasília. **Observatório do Terceiro Setor**, S. Paulo, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/projeto-leva-livros-infantis-para-muros-de-ruas-em-brasilia/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Silvana Dias Cardoso Pereira é professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Cornélio Procópio/PR. É licenciada em Letras e em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7626-4764>.
E-mail: pereirasilvana319@yahoo.com.br.

David da Silva Pereira é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procópio (UTFPR-CP) – e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN). É Licenciado em Geografia, Pedagogia, Ciências Sociais e Filosofia. Mestre em Geografia Humana e em Educação. Doutor em Ciência Política e Doutorando em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3946-7807>.
E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br.

Marcelo Vicentin é professor do Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (Seduc-SP). É Bacharel em Comunicação Social-Cinema, Licenciado em Letras e em Pedagogia. Mestre e Doutor em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0476-0587>.
E-mail: vicentinmarcelo@gmail.com.

Recebido em 11 de abril de 2024 e aprovado em 10 de junho de 2024.